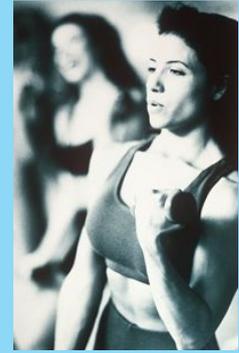


© Antônio Neto

CORPOS SUSPENSOS E EMOLDURADOS: A SUBSERVIÊNCIA ESCANCARADA



© Luciana Guimarães

Claudia Regina Almeida — Erica Cristina Almeida

RESUMO: O presente estudo centra-se na reflexão de um possível comprometimento da consciência corporal autêntica na sociedade contemporânea, ou seja, a existência de uma educação do corpo que assume formas cada vez mais danificadas em detrimento da formação digna. Aqui analisamos as imagens corporais expostas na forma de *outdoors* para discutir a concepção de corpo difundida nos centros urbanos, fazendo as possíveis relações entre a cultura danificada e a educação do corpo na contemporaneidade. Foi possível concluir que a subjetividade torna-se comprometida com a objetividade ideológica transmitida pelas imagens corporais, reproduzindo uma particularidade social que exclui a produção da vida digna.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Indústria Cultural; Escola de Frankfurt.

ABSTRACT: This study researches a possible destruction of authentic body conscience in contemporary society – a growing damage body education. We analyze the corporal images in outdoors toward a discussion of damage culture and body education. We conclude that subject became damage through the ideological objectiveness transmitted by the corporal images – this social particularity excludes the construction of a deign life.

KEYWORDS: Body; Cultural Industry; Frankfurt School.

1. INTRODUÇÃO

O que não está reificado e não pode ser contado nem medido, deixa de existir.

Theodor Adorno

Nos dias atuais, parece bastante pertinente e interessante repensarmos as questões da educação do corpo pelo viés de análise da Teoria Crítica da Sociedade, tal como foi proposta pela Escola de Frankfurt, em especial nas reflexões e contribuições teóricas de Theodor Adorno e Max Horkheimer relacionadas à amplitude e à influência dos fenômenos culturais sobre a formação dos indivíduos e sobre a produção social mais ampla. Tais reflexões consideram o indivíduo como produto da cultura, da política e da economia.

Nesse sentido, por meio das categorias frankfurtianas de “indústria cultural” e “semiformação cultural”, é possível repensar como os indivíduos são induzidos a uma determinada educação do corpo por meio das imagens corporais, cuja subjetividade incorpora a objetividade ideológica. Mais especificamente, podemos destacar aqui a discussão das facetas perversas que constituem uma formação danificada, tais como os estereótipos e a lógica do sempre igual, a produção de necessidades banais, a coisificação humana e o fetiche, todas elas compreendidas como processos da educação do corpo na atualidade.

Neste estudo investigamos a relação entre a formação da consciência corporal humana e os possíveis investimentos formativos da indústria cultural assumidos pela exposição de imagens do corpo na esfera da sociedade capitalista moderna. Examinamos aqui imagens corporais veiculadas nos centros urbanos pelos “*outdoors*”, no sentido de desmistificar alguns mecanismos de manipulação ideológica desse aparato.

Vale dizer que consideramos as imagens dos *outdoors* como textos a serem lidos. O contato com elas atua como uma educação visual, que se revela como uma educação política. Nessa educação parece sempre haver um modelo para se seguir e a dominação nesse contexto parece começar pelos sentidos, no caso, a visão. As imagens, neste caso, são o grande trunfo da indústria cultural por construir símbolos e o efeito do simbólico acaba produzindo mitos. A representação mítica exagerada converge na destruição das possibilidades de construção de uma experiência verdadeira com os fenômenos.

Ainda cabe observar que a indústria cultural, na sua cumplicidade ideológica com um modo de produção social que coisifica a vida humana, assume o seu caráter

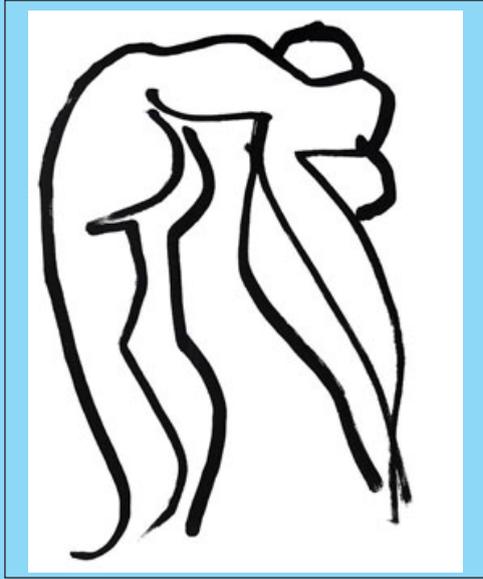
autoritário pela forma como impõe valores que legitimam esse modelo de sociedade. No entanto, é importante salientar que, por mais que esse processo cultural tende a homogeneidade, ele apresenta fendas onde a impossibilidade de uma formação cultural digna se transforma em possibilidade.

A escolha dos *outdoors* prende-se ao fato de que, ao contrário dos demais discursos de massa, como as revistas e programas televisivos, eles não são eletivos. Não há como evitá-los, eles se impõem ao olhar mais desatento ou desinteressado traduzindo-se em resquícios totalitários e fascistas na sua forma sutil de impor padrões comportamentais. Da mesma maneira, o formato do *outdoor* é, por si só, autoritária: ele é gigantesco, é imenso, se impondo em todos os sentidos. Também, seu caráter exclusivo de publicidade induz na percepção dos indivíduos uma identificação que ultrapassa o mero consumo do produto para assumir uma dimensão consumista da própria noção de corporeidade. Por sua vez, a noção de corpo assim veiculada, presta-se mais facilmente às imposições mercantis que a sociedade de consumo procura imputar às suas formas de expressão.

Nessa perspectiva, apontamos para uma reflexão de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a relação da propaganda com a dominação da subjetividade: “A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornaram sob a injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento” (1985, p. 238).

Possivelmente, nesse processo engendra-se um importante canal na formação de milhares de indivíduos que, de um modo ou de outro, direciona uma concepção de subjetividade e educa uma compreensão de corpo podendo impossibilitar o sujeito de se constituir como sujeito autônomo. O indivíduo vivendo numa

sociedade administrada acaba nomeando na dimensão corpórea a dimensão do objeto. Theodor Adorno (1985) também aponta que a formação cultural torna-se o caminho para a emancipação humana, mas também, pode converter-se no seu contrário: a barbárie.



Grand acrobate - Henri Matisse - 1952

No âmbito dessas possibilidades, por meio dos elementos da cultura na sociedade atual, é possível uma reflexão sobre a educação do corpo a partir da exposição das contradições imanentes do processo de formação cultural sob a égide do capitalismo decadente até porque “a reprodução da sociedade está diretamente ligada à produção, reprodução e distribuição de suas mensagens culturais” (Giroux, 1997, p. 113). Sobretudo, é preciso não apenas levantar preocupações com o que a sociedade inclui de concreto em sua tarefa formativa, mas, sobretudo, no que é difundido como normas e valores culturais, sendo tais explícitos ou ocultos. Assim, parece ser significativo compreender o modo como a Indústria Cultural e a semiformação se inserem e influenciam a constituição do corpo pois “aquilo que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito” (Giroux, 1997).

2. CORPO, IMAGEM E FORMAÇÃO CULTURAL

Os estudos desenvolvidos por Carmen Soares (2002) mostram claramente que o corpo é educado a todo momento e essa educação se reflete também pelas imagens corporais apresentadas na sociedade. Nas análises da autora, essa educação do corpo se manifesta lentamente no processo civilizatório e geralmente ocorre pelo constrangimento do corpo. Esse constrangimento pode se revelar de diversas maneiras, desde os hábitos de higiene corporal até a escolha das roupas, passando pela educação das sensibilidades pelos objetos, comidas, religiões e mídia. Contudo, cada época fala da sua retórica corporal, e nesse sentido, o corpo pode ser encarado como um texto que traz informações relevantes para entendermos a sociedade, pois diferentes épocas elaboram diferentes pedagogias do corpo.

Na história, a modernidade vai trazer um tipo de valorização do corpo nunca antes visto. É nesse contexto que vai se produzir em abundância tecnologias para reconstruir o corpo (as cirurgias plásticas estéticas, por exemplo) e tantas outras para mostrá-lo e afirmá-lo nos mais diversos locais (*outdoors*, filmes, revistas, televisão, embalagens de produtos, etc.). Nesse momento, e hoje mais ainda, há uma fertilidade impressionante da reprodução da imagem corporal. Cada vez mais se mostra o corpo em todos os lugares. Entretanto, o problema não é a quantidade de imagens, mas quando elas se mostram como clichês. Há nessa situação alguns progressos, mas é preciso pensar também nos infinitos problemas acarretados sobre a formação dos sujeitos por esse fenômeno.

Em decorrência dessa visibilidade, que produz exigências estéticas absolutas, passam a nascer novas necessidades nos indivíduos que reforçará diversos tipos de formação cultural. Também a dimensão

fragmentada de estabelecer uma determinada imagem de corpo vai se fortalecendo, pois este mesmo corpo passa a assumir uma ordem alheia e isto se revela como forma de controle do indivíduo no contexto mais amplo da sociedade de consumo.

A relação entre a forma de se educar o corpo e a estrutura social parece se estabelecer de maneira irracional, pois essa educação não é necessária para a produção da vida e sim para a reprodução do capital. O que está em questão é a perpetuação do sistema econômico e não a construção de uma concepção de corpo que contribua para a emancipação do sujeito.



3. IMAGENS LANÇADAS NO AR: IMPLICAÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO DO CORPO

Assim, por exemplo, o ar de obstinada reserva ou a postura elegante do indivíduo exibido numa cena determinada é algo que se produz em série exatamente como as fechaduras Yale, que só por frações de milímetros se distinguem umas das outras. As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo natural.

(Adorno; Horkheimer, 1985, p. 145)

As imagens dos *outdoors* analisados, em linha geral, expõem corpos estereotipados e extremamente sexualizados, cujo destaque principal não é o produto que se quer vender e sim um determinado padrão estético de vida que dá ao produto todas as credenciais de mercadoria a ser aceita na sociedade. O que é visto a todo o momento é um “aliciar o consumidor” pelos olhos e pela sedução. Esses corpos apresentados nos *outdoors* criam uma ilusão e uma aparência que envolvem e seduzem o indivíduo, que internaliza diversos

valores explícitos e implícitos de uma educação do corpo e de uma educação do olhar, ou seja, de sua formação cultural geral.

O primeiro fator a nos chamar a atenção foi o caráter estereotipado dos corpos, seguindo todos um mesmo padrão estético. A experiência por meio da estereotipia é bastante abordada nas obras dos autores clássicos frankfurtianos como sendo um oponente à formação cultural. Destacamos uma passagem da *Dialética do Esclarecimento* que ressalta esta idéia:

O que é salutar é o que se repete, como os processos cíclicos da natureza e da indústria. Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina do jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 139).

Nos *outdoors* também percebemos que todos os modelos são jovens e na maioria das vezes, do sexo feminino. Não se vê marcas da vida como pintas, sardas, manchas ou rugas, extinguindo a possibilidade da utilização de modelos com mais idade e a própria revelação da vida natural. Sobre essa artimanha da indústria cultural Adorno observa oportunamente que “faz parte dos crimes simbólicos dos nazistas liquidar anciãos” (Adorno, 1993, p. 16). Cabe aqui ressaltar que foi a partir da modernidade que essa busca incessante pela juventude, pela limpeza, pelos corpos retos, lisos e sem excessos se intensificou. Essa manipulação dos corpos tornou-se uma pedagogia social afirmativa da sociedade. Essa beleza plastificada e muitas vezes enganosa — já que pode ser manipulada em programas de edição de imagens — afasta cada vez mais o caráter humano das pessoas. Tudo parece

muito limpo, artificial, plastificado e alinhado como nos referenciais de regime fascista, nos robôs e andróides dos filmes de ficção ou no mundo das “bonecas barbies”. Tudo é tão coisificado que parece que estamos a contemplar seres sem vida (uma vida não-verdadeira) ou cuja vida só tem sentido quando lhes são imputados um sentido mercantil.

A concepção de beleza revelada nos *outdoors* é a “estética da magreza”, que ao mesmo tempo em que se impõe por todos os arranha-céus, se coloca como processo de um imenso redemoinho do consumo estimulado em uma sociedade dominada pelo princípio da troca, acabando por enfraquecer outras experiências formativas em relação aos corpos e a vida cotidiana. Essa identidade fragilizada, vale observar, é justamente o processo pelo qual a coerção ideológica se fortalece e as possibilidades emancipatórias vão sendo danificadas pelo processo social autoritário que se instala.

A indústria cultural e seus aparatos — no presente estudo, os *outdoors* — acabam se configurando como um totalitarismo pós-moderno que usurpa do sujeito sua potência intelectual e reflexiva, conseqüentemente reprimindo-o. É como se existisse mesmo um espraiamento fascista na vida cotidiana. Educado através de experiências falsas e extremamente padronizadas, numa sociedade carregada de indiciamentos comportamentais falaciosos, o corpo tende a seguir integrado na formatação que o sistema social impõe. Recorremos aqui a uma passagem da *Minima Moralia*, uma das mais expressivas obras de Theodor Adorno, e que remete às pequenas nuances da vida administrada.

A palavra direta, que, sem delongas, hesitação e reflexão diz as coisas na cara do interlocutor, já possui a forma e o timbre do comando, que sob o fascismo vai dos mudos aos calados. A objetividade nas relações humanas,

que acaba com toda ornamentação ideológica, tornou-se ela própria uma ideologia para tratar os homens como coisas (Adorno, 1993, p. 35).

Ao constatar a utilização de um mesmo padrão estético de corpo em quase todos os *outdoors* vemos se configurando com força total a “lógica do sempre igual” e também a produção de uma certa necessidade de se ter um corpo como os que se apresentam, já que embutido a essas imagens corporais estão as sensações de liberdade, felicidade, satisfação, sensualidade, sucesso e aceitação social.

Nos *outdoors* a intimidade é mostrada e “montada” perversamente quando o sujeito se projeta grandioso e totalitário. Passa-se a sensação que ele existe em evidência e em primeiro plano, o que não é verdade. O corpo é valorizado, entretanto, quando a evidência torna-se absoluta da realidade, a reflexão deve ser condição indispensável para apreender aquilo que as evidências ocultam.

Estão implícitos nos anúncios, fatores como a imposição de valores e comportamentos humanos, a disseminação de uma determinada estética corporal, a afirmação de uma sociedade que valoriza o comércio de bens culturais coisificados, a produção de necessidades perversas. Trata-se de um momento histórico e de uma realidade social que vende um produto sem, no entanto, evidenciar as qualidades do mesmo; de ser honesto com o consumidor. Utiliza-se uma determinada estética corporal como mediação no processo de semiformação.

Tudo é percebido do ponto de vista da possibilidade de servir para outra coisa, por mais vaga que seja a percepção dessa coisa. Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo (Adorno, 1993, p. 35).

O receptor dessas imagens simbólicas é levado a se identificar com um mundo não

verdadeiro de experiências corporais que o levam à não-identidade autêntica e, por sua vez, não fazem vingar na vida social a possibilidade de uma existência esclarecida e emancipada. A atrofia da consciência — ou, como define Luiz Fabiano (1999), “a taxidermia das consciências” — definitivamente se espalha sobre a humanidade.

Nos *outdoors* é também hipostasiada uma visão do corpo nos seus aspectos mecânicos e não no entrelaçamento entre cultura e natureza. Como bem observou Karl Max, nesse sistema produtivo de produção de mercadorias o sujeito não só as produz, mas passa a reproduzir as condições sociais que o tornam também mercadoria, ou seja, uma máquina produtiva, um motor. Lembremos que sobre as máquinas pode-se exercer todo o domínio e aqui também esse domínio se torna legítimo quanto ao corpo que tanto se assemelha à máquina. A lógica do capital pautada pela produção industrial passa a determinar também a lógica da produção da existência corporal. A máquina é algo morto, sem vida e ao estabelecer analogia direta com o corpo, ratifica-se a tendência social de fazer os sujeitos encararem o corpo como coisa morta, objeto subordinado e sem autonomia.

Os corpos dos *outdoors* e aqueles que transitam no imaginário social é realçado pelo poder de investimento que lhe permite um valor de troca em todos os sentidos. Por meio deles são vendidos os velhos valores capitalistas do consumo e do falso bem-estar supostamente obtidos pela obediência aos estereótipos veiculados. Parece tratar-se da vida sendo reproduzida em larga escala nos grilhões de uma sociedade que poda o espírito humano digno e estabelece experiências formativas danificadas, possivelmente forjando um indivíduo que não questiona, não critica, ou melhor, um indivíduo que está alheio para o entendimento social.

4. EDUCAÇÃO CORPORAL E INDÚSTRIA CULTURAL

O cisco em teu olho é a melhor lente de aumento.
Theodor Adorno

A mediação do sujeito com os corpos veiculados pela Indústria Cultural, que determinam um certo padrão estético e a redução das experiências, é grande colaboradora no embotamento dos sentidos que acabam por desembocar na legitimação dos processos produtivos da reificação do sujeito e, conseqüentemente, das relações humanas. Sobretudo, porque educar através de estereótipos impede o exercício de uma experiência formativa autêntica para o processo de emancipação.

Na exposição em larga escala de imagens corporais estereotipadas e construídas perversamente, engendra-se a imposição de um padrão corporal no qual o indivíduo é levado a se identificar sem, no entanto, entender ou questionar a mensagem cultural que está sendo veiculada. Instala-se, portanto um culto às aparências, às mensagens imediatas.

As imagens corporais utilizadas nos *outdoors*, em sua maioria, enunciam a “grandiosidade” da “pequenez” do corpo na modernidade, pois o corpo está tão enfraquecido na sua inteireza que há necessidade de um reforço exagerado da sua existência. Isso se torna falso e bárbaro. Também os signos utilizados em campanhas publicitárias são em sua maioria signos destituídos de substância humanística. A educação do corpo não é uma educação onipresente, mas uma forte mediação para a formação dos sujeitos. Entretanto, como ensina o pensamento frankfurtiano, os fenômenos sociais são ambíguos e nesse caso seria a Educação Física, sobretudo a escolar, um contraponto para realizar uma educação do corpo digna ao se comprometer com a possibilidade de experiências formativas verdadeiras e autênticas com os conteúdos da cultura corporal.

Acreditamos que uma educação do corpo danificada pelo conjunto de processos informativos que resultam em semiformação cultural compromete aquilo que o ser humano poderia construir enquanto uma vida justa e de rejeição à barbárie. Ou seja, a educação do corpo danificada por tais princípios de manipulação, tanto da consciência corpórea como de sua situação no mundo social, torna-se um obstáculo para o *esclarecimento*, e este é peça fundamental para uma sociedade de indivíduos emancipados.

T & M

Texto recebido em fevereiro de 2005.

Aprovado para publicação em maio de 2005.

5. SOBRE AS AUTORAS

Claudia Regina Almeida é Licenciada em Educação Física, Especialista em Pesquisa Educacional e Mestre em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora de História da Educação Física e Cultura Gímica na Universidade Paulista (UNIP) e na Academia de Ensino Superior de Sorocaba.

Erica Cristina Almeida é Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professora de História da Educação Física e Dimensões Filosóficas da Educação Física na Faculdade de Americana (FAM) e na Universidade de Santo Amaro (UNISA).

6. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralía: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

—. “Teoria da Semicultura”. Trad. Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Claudia Abreu de Moura. *Revista Educação & Sociedade*. Ano XVII, n. 56, Campinas: Papyrus, dezembro, 1996.

—. *Introdução à discussão sobre “Teoria da Semicultura”*. Trad. Antonio Alvaro Soares Zuin. Grupo de Estudos e Pesquisas “Teoria Crítica e Educação” – UNIMEP/UFSCar. 1998. Mimeo.

FABIANO, Luiz H. *Indústria cultural: da taxidermia das consciências e da estética como ação formativa*. São Carlos, SP. Universidade Federal de São Carlos. Tese (Doutorado em Educação), 1999.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio A. S. “A teoria da resistência de Henry Giroux e a questão cultural”. In: *Revista Impulso* - v. 9 - n. 19 - Piracicaba: UNIMEP, 1995.

SOARES, Carmem L. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 2002.



Agnes - Sanyu - 1958



Birth of Venus - Andy Warhol - 1976



A curvatura do corpo - Hynek Gazur - 2005



Nu Au Bracelet - Henri Matisse - 1933



Determination - Chuck LaVoie - 1989